

A ABORDAGEM DA RELAÇÃO CAMPO-CIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I: OS RISCOS PRESENTES NOS MATERIAIS DISPONÍVEIS NA INTERNET

Approaching the countryside-city relationship in elementary school I: the risks present in the materials available on the internet

Sandra de Castro de Azevedo

Docente da graduação e mestrado em Geografia na UNIFAL-MG, Brasil

sandra.azevedo@unifal-mg.edu.br

Abigail Bruna da Cruz

Graduada e Mestre em Geografia pela UNIFAL-MG, Brasil

abigail.cruz@sou.unifal-mg.edu.br

Recebido: 01.08.2023

Aceito: 04.09.2023

Resumo

A geografia escolar e o ensino de geografia têm como objetivo possibilitar que o aluno faça uma leitura da sua realidade de forma que possa compreender e buscar por mudanças. Neste artigo destacamos como a mercantilização de sequência didática pode gerar consequências negativas para este processo. Como metodologia, foi analisada uma sequência didática do portal digital da Nova Escola, com objetivo de trabalhar a relação campo-cidade no ensino fundamental I a partir do entendimento de trabalho. Entre os resultados de pesquisa, pode-se citar; pouco aprofundamento nas questões sobre os tipos de produções e relações de trabalhos no campo, há uma falta de criticidade para abordar o tema em questão, além da falta de geofricidade no modo como abordam o conteúdo. Conclui-se que é urgente a reflexão sobre as dinâmicas socioespaciais do campo e da cidade por parte dos professores, para que assim se rompam ideias preconceituosas e romantizadas desses espaços.

Palavras-chave: Campo-cidade, Trabalho, Sequência didática, Geografia escolar.

Abstract

School geography and geography teaching aim to enable students to read their reality so that they can understand and seek changes. In this article, we highlight how the mercantilization of the didactic sequence can generate negative consequences for this process. As a methodology, a didactic sequence of the Nova Escola digital portal was analyzed to work the countryside-city relationship in elementary school I from the understanding of work. Among the search results, one could mention little depth in the questions about the types of productions and work relationships in the countryside. There needs to be more criticality in approaching the subject in question and more geographicity in approaching the content. It is urgent to reflect on the socio-spatial dynamics of the countryside and the city by teachers so that prejudiced and romanticized ideas of these spaces are broken.

Keywords: Countryside-city, Work, Didactic sequence, School geography.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é um dos resultados da pesquisa sobre a abordagem dos espaços rurais e urbanos na geografia escolar desenvolvido pelo Grupo de Estudos Regionais e Socioespaciais desde 2016 e desde 2019 pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), com o objetivo de fortalecer o ensino de geografia como uma ferramenta para leitura dos espaços rurais e urbanos de forma crítica, desconstruindo pré-conceitos e os preconceitos que envolvem estes espaços estudados.

Neste artigo é realizada uma análise crítica de uma sequência didática disponibilizada em sites educacionais encontrados na internet, para que a partir dessa análise fosse averiguado como as relações campo-cidade, através das relações de trabalho, constituíram-se como conteúdos didáticos propostos para as escolas de ensino básico. Essa temática se justifica pela dificuldade já identificada em pesquisas que os professores dos anos iniciais do ensino fundamental apresentam no momento de trabalhar esses conteúdos com os alunos. Como afirmam Silva, Tavares e Machado (2016, p.30-31)

Como o objetivo desse artigo foi de investigar como os professores do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental compreendem os conceitos de rural e urbano e como eles abordam esses conceitos em sala de aula, foi possível perceber que os professores não conseguem diferenciar urbano de cidade e rural de campo, o que faz com que eles se tornem sinônimos. Também foi identificado que os professores não conseguem perceber as transformações ocorridas no espaço rural, trazendo ainda em suas características conceitos de atrasos, onde não há avanço das questões tecnológicas, como se tudo que fosse produzido fosse trazido do urbano.

Considerando que esses equívocos de interpretação da relação campo-cidade são recorrentes em sala de aula, buscou-se desenvolver análises das sequências didáticas a partir de uma perspectiva crítica sobre como os conteúdos foram abordados na produção deste material, uma vez que muitos professores, seja por falta de tempo para planejamento ou problemas na formação inicial e continuada, recorrem a estes materiais disponíveis na internet para definir suas aulas.

2. METODOLOGIA

Ao realizar a reflexão partindo dos conteúdos sobre as relações de produção do espaço, através do tema trabalho e as suas respectivas contradições, este artigo se construiu na perspectiva do materialismo histórico-dialético, já que esse método, segundo Opolski e Leme (2016, p.103-106), “[...] possibilita uma interpretação da realidade e reflete sobre a sociedade e suas contradições” e “[...] nesse sentido, a sociedade expressa no concreto histórico as relações estabelecidas, já o econômico reflete as condições sociais,

associadas aos aspectos históricos e dialéticos da sociedade”, sem esquecer, sobretudo, as questões pedagógicas sobre como o tema é abordado em sala de aula e suas contradições entre aquilo que é vivido pelos alunos e aquilo que é ensinado pelo professor.

Tendo em vista a necessidade de considerar tais questões históricas e também materiais sobre o tema estudado, no momento de construção da fundamentação teórica foram levantadas questões sobre as dinâmicas campo-cidade, destacando algumas mudanças, permanências e criação de novos conceitos sobre o tema e para isso utilizou-se Biazzo (2007), também refletiu-se sobre a ideia de dicotomia existente nesses espaços através de autores como Veiga (2003) e Spósito (2011), refletiu-se também sobre as diferentes intensidades de territorialidade do espaço rural e urbano com Alves e Vale (2013) e sobre a concepção de continuum rural-urbano com Graziano da Silva (1999). Ademais, para entendimento sobre as questões pedagógicas, educacionais e de conteúdos geográficos, utilizou-se Revah (2013), Albuquerque (2021), Bueno (2007), Cavalcanti (2011) entre outros.

Depois de fundamentada a teoria, foi escolhida a sequência didática para realizar uma reflexão sobre como o tema trabalho foi abordado neste material. A sequência didática escolhida foi produzida pelos autores do portal digital Nova Escola para o 4º Ano do Ensino Fundamental I, sendo composta por 5 planos de aula, todos relacionados ao trabalho no campo e na cidade, sendo identificados como:

- a) Plano-de-aula-geo4-07unid1, intitulado de “O trabalho no campo e na cidade”, cujo link de acesso é: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5332/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade>.
- b) Plano-de-aula-geo4-07unid2 intitulado de “As diferentes formas de trabalho no campo”, cujo link de acesso é: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>.
- c) Plano-de-aula-geo4-07unid3 que é um esquema sobre os trabalhos na cidade, encontra-se no link a seguir: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>.
- d) Plano-de-aula-geo4-07unid4 intitulado “O trabalho na prestação de serviços: setor público e privado”, podendo ser acessado no seguinte link: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5394/o-trabalho-na-prestacao-de-servicos-setor-publico-e-privado>.
- e) Plano-de-aula-geo4-07unid5 intitulado “O trabalho nas feiras livres: o comércio no campo e na cidade”. Encontra-se no link: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5823/o-trabalho-nas-feiras-livres-o-comercio-no-campo-e-na-cidade>.

Cada sequência didática foi estudada separadamente, buscando uma reflexão crítica sobre os conteúdos, com o objetivo de desvendar possíveis preconceitos e reforço de estereótipos de ambos os espaços que podem ser reproduzidos por estes materiais disponibilizados na internet de fácil acesso aos professores.

Por fim, cabe ressaltar que todos os planos do portal seguem a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e têm sugestões sobre o tempo ideal de abordagem de cada conteúdo e como seria a melhor forma do docente abordar as temáticas em sala de aula, condicionando o trabalho docente e reduzindo-o a um mero reprodutor de conteúdos. Neste sentido, concorda-se com Albuquerque *et al.* (2021, p.62) quando este aborda que:

[...] as metodologias ativas vêm sendo oferecidas sob a forma de pacotes educacionais que fornecem procedimentos metodológicos para professores darem aulas, evidenciando sua incongruência à própria crítica que faz ao ensino tradicional ao aplicar procedimentos homogêneos e mecânicos sem levar em considerações as mediações concretas da historicidade dos sujeitos. Também tende a não trabalhar com o ato espontâneo e criativo que surge em cada aula. Uma aula nunca é igual a outra, os sujeitos e as situações são sempre novos.

Oferecer materiais prontos na internet é uma forma de ampliar a padronização e consequentemente diminuir a e criatividade do professor. É necessário, portanto, a reflexão de como esses materiais chegam na escola e com qual propósito a iniciativa privada constrói tais materiais, e a realização de uma reflexão de como o uso acrítico dos mesmos pelos profissionais docentes pode ser prejudicial ao ensino dos alunos das escolas do país.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, apresentou aqui, de forma breve, o periódico educacional Nova Escola, apontando algumas críticas ao seu modelo e depois, os responsáveis pela elaboração da sequência didática analisada.

Esse processo se faz necessário para a compreensão mais ampla sobre as questões de produção desses materiais. Ao responder “quem construiu o material didático?” e “com qual objetivo?”, caminha-se para responder “como?” e “com qual propósito acontece a escolha dos conteúdos?”, que responderemos mais à frente.

3.1. Sobre o periódico Nova Escola e seu projeto educacional

Segundo Revah (2013), o periódico educacional Nova Escola foi lançado em 1986 pela editora Abril e idealizada por Victor Civita, sendo esta uma revista comercial voltada para os professores do ensino básico. Acompanhando o avanço tecnológico, também passaram a elaborar e disponibilizar na internet planos de aula e sequências didáticas para professores utilizarem como ferramentas didáticas durante seu processo pedagógico. Mais recentemente, a revista Nova Escola passa a incorporar de forma explícita as políticas

neoliberais na educação, como por exemplo a implementação da Base Nacional Comum Curricular.

Neste processo, intensifica-se o caráter prescritivo dos documentos, com a disseminação de sequências didáticas padronizadas, a serem aplicadas pelos docentes em diferentes contextos e situações. Expressões como metodologias ativas, resoluções de problemas, entre outros, passaram a compor este “novo idioma” da política educacional que visa ocultar a intencionalidade fundante desta lógica: o controle no cotidiano do trabalho docente. (ALBUQUERQUE *et al.*, 2021, p.32)

Bueno (2007) critica a forma como é dado os ideais da Revista Nova Escola, já que para torná-la consumível às demandas do mercado capitalista, vende uma imagem do ambiente escolar, das relações entre professor-aluno e entre professor-comunidade de forma romantizada. Retiram a responsabilidade do Estado pelas instituições e as tornam responsabilidades individualizadas, geralmente incutindo-as de sobremaneira aos professores através do discurso do voluntarismo e da estereotipia que é muito comum no contexto da política neoliberal, o modelo vigente atualmente no Brasil. Essa estereotipia remonta uma imagem de um professor cuja força de vontade é inabalável, único responsável pelo sucesso ou fracasso escolar, não levando em conta os aspectos mais amplos das relações que permeiam a sociedade e a escola.

Mais especificamente sobre os conteúdos da revista Nova Escola, Bueno (2007, p.9) traz que essa revista vende uma visão pragmática do conhecimento, que operacionaliza o conhecimento, expurgando as possibilidades da dialética, onde a mesma “adere a uma visão estritamente operacional da realidade pedagógica, recusando previamente outras perspectivas de abordagem que não estejam comprometidas com a reafirmação do *status quo*”, fazendo a manutenção das relações entre prestadores de serviço (professores) e clientes (responsáveis pelos alunos). Desse modo, a escola passa a ser concebida como uma empresa, à mercê da indústria cultural.

Com objetivo de legitimar suas propostas pedagógicas, as empresas privadas que buscam lucro com a educação contratam profissionais que estão ou estiveram envolvidos com pesquisas e ensino na área em que vão elaborar os materiais, fato que realmente é importante na elaboração do material didático, mas que não é o suficiente, pois muitas vezes esses profissionais não possuem autonomia em todo o processo, pois devem seguir o currículo prescritivo do estado e as demandas do mercado. A primeira crítica que se fez sobre a estruturação dessa sequência didática está na oferta de informações incompletas sobre os autores, pois constam os nomes dessas pessoas, mas não há espaço para identificação de cada um, para ver se realmente coincide com as funções e suas

especialidades com o que se traz no plano de aula. Outra questão que surge é sobre a necessidade real de tantos profissionais para a elaboração destes planos de aula.

Esses profissionais, em sua grande maioria, são elaboradores de materiais didáticos, tanto para escolas públicas, fundações técnicas e escolas privadas. Muitas vezes são estimulados pelas políticas vigentes para que seus materiais atendam ao mercado de consumo e se encaixem nas normas para serem comercializados, aceitando assim os modelos políticos curriculares vigentes.

Geralmente, pela necessidade de vender esses materiais, não se prioriza a qualidade dos conteúdos no sentido de serem importantes para a vida dos alunos, mas sim atrativo ao público consumidor, contribuindo para um ensino descontextualizado da realidade dos alunos.

Após esse reconhecimento, seguiu-se com a análise da sequência didática, buscando trazer as presenças e as ausências sobre o tema trabalho na relação campo-cidade.

3.2. Análise da sequência didática: Abordagem do conteúdo e concepção de educação

Antes de apresentar a análise da sequência didática, é necessário conhecer os pontos de vista geográfico e pedagógico envolvendo a questão campo-cidade adotados nesta pesquisa. Bem como traz Biazzo (2008, p.133), os termos “rural” e “urbano” “[...] são vocábulos que adquirem significados variados, justamente porque são encarados como fundamentais para o planejamento territorial em diversas escalas e para o desenvolvimento em suas múltiplas dimensões: política, econômica, cultural, ambiental, em suma, social”. Biazzo (2007) traz que os termos campo e cidade remetem a questões materiais, que podem ser mensuradas, delimitadas. Os termos “rural” e “urbano”, por sua vez, remetem às imaterialidades destes espaços, como as questões culturais, simbólicas, os costumes entre outros.

O campo, quando associado às lutas sociais agrárias, representa espaço de conquista, de produção e de reprodução da vida dos sujeitos. No cenário de luta, o campo se torna espaço de resistência ao modo perverso que o capital se apropria da terra, do trabalho e dos frutos do trabalho daqueles que sobrevivem deste espaço. Em oposição, o campo para o agronegócio é apenas o espaço de produção econômica e reprodução do capital.

Outra questão que vai para além das terminologias que é considerada neste artigo é o que Veiga (2003) trata por visão dicotômica cidade-campo, que é uma visão limitada onde

o campo é tomado por celeiro para atender as necessidades da cidade e a cidade, por sua vez, seria um espaço de trabalho, progresso e futuro. Essa é uma visão reducionista que estereotipa e afeta diretamente as populações viventes em ambos os espaços, pois, de forma geral, o sistema capitalista é quem diferencia as pessoas por suas condições financeiras, transmutando essas diferenças em desigualdades (SPÓSITO, 2011) e faz com que independente dos espaços, seja urbano ou rural, quem detém os meios de produção controla e apreende o espaço como for melhor para si mesmo.

Há três teorias centrais sobre a relação campo-cidade, a primeira, como traz Alves e Vale (2013), entende que conceber as diferenciações entre urbano e rural sem reforçar essas visões dicotômicas estaria em levar em conta a Intensidade de Territorialidade, onde o urbano carregaria em si relações mais globais e mais deslocadas do território, e o rural seria um espaço com maior territorialidade e com uma vinculação local mais intensa, embora não possa negar que com a globalização o rural também se inseriu numa lógica de maior intensidade. No mesmo sentido, Rua (2005) concebe essa relação como sendo integradora, onde se interagem, mas não se tornam a mesma coisa, preservando assim suas especificidades. Por fim, Graziano da Silva (1999) traz uma terceira visão sobre essa relação; a do *continuum* rural-urbano, considerando estes espaços paralelos e dependentes entre si.

De um modo ou de outro, não se pode perder de vista que, sobretudo, o que diferencia esses dois espaços é a relação de quem o habita com a terra. No campo há uma ligação maior entre aqueles que vivem dela, que nela produz e reproduz seus símbolos, enquanto nas cidades essa relação não é tão fortemente vista, a terra teria apenas valor de mercadoria.

Então, qual seria o papel da Geografia Escolar em conceber as relações campo-cidade e urbano-rural como conteúdo didático? Para Rosa (2018), a função da Geografia Escolar está na possibilidade de articulação entre o conteúdo da ciência geográfica e a ressignificação do mesmo por parte professor para que este se torne significativo para os alunos, tendo em vista que os discentes já possuem determinado conhecimento prévio sobre tais temas que serão abordados.

Considera-se que a melhor forma de se trabalhar a relação cidade-campo no ensino seria abordando as características que aproximam e que as distanciam entre si, sejam nos modos de vida, de produção, meio físico e, sobretudo, levando sempre em consideração as relações dos habitantes destes espaços com a terra, tomando o cuidado para não

sobrepôr a importância de um sobre o outro nem reforçar estereótipos já existentes em ambos os espaços.

3.3. Plano de aula 1: O trabalho no campo e na cidade

Acredita-se que o objetivo de estudar o objeto “Identificar no campo e na cidade os diferentes tipos de trabalho” esteja em compreender quais são os trabalhos que são desenvolvidos no espaço urbano e no espaço rural. Caso essa ideia não seja bem elaborada, corre o risco de estigmatizar os trabalhos por setorização, onde uma forma de mão de obra se sobreponha ou mesmo exclua a outra por conta das diferenças espaciais.

A segunda crítica que se tem na estruturação desses planos de aula está no uso do termo “objeto de aprendizagem” ao invés de “objetivo de aprendizagem” (Tabela 1). “Objeto” remete à ideia de que o aprendizado, o conhecimento em si, é um objeto a ser “capturado”, e não construído, e que este plano de aula alcançará este objeto, independentemente de qualquer adversidade que possa ser enfrentada em sala de aula.

Tabela 1: PRIMEIRO PLANO DE AULA- O trabalho no campo e na cidade.

Objeto(s) de aprendizagem: Identificar no campo e na cidade os diferentes tipos de trabalho.

Habilidade (s) da Base: (EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.

Fonte: Nova Escola (2019a)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5332/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade>.

Pensar em objetivo leva em consideração a possibilidade do conhecimento almejado ser alcançado ou não, pois o modo de conceber o conhecimento em cada ser humano não é um modo único, um modo pronto e acabado, pois existem diversos tipos de cognição e modos de apreensão da realidade diferentes entre si. Desse modo, quando os objetivos não são alcançados, os modos de mediar têm de ser repensados.

Seguindo a análise, encontra-se logo no primeiro slide (Figura 1) proposto para que os alunos compreendam as diferenças entre trabalhos uma contextualização, uma proposta sobre o ponto de vista urbano. Entende-se que esse plano de aula foi concebido para a realidade urbana, e tão somente. Afinal, o acesso a classificados de jornais não é uma realidade de todas as cidades e isso se expande e agrava ainda mais às zonas rurais.

Outra questão sobre os modos de trabalho expressos neste plano (Figura 1) é que trazem trabalhos e a remuneração, o trabalho rural assalariado. Sabendo que não é apenas essa modalidade de trabalho existente no campo, preocupa-se com o modo como pode se construir o pensamento das crianças a este respeito. O trabalho assalariado no campo é

opção quando o trabalhador rural não consegue se manter com o trabalho em sua terra ou para complementar renda, sendo exercido por apenas alguns dos membros familiares ou por todos.

Outra questão é que na descrição das atividades que seriam realizadas pelo funcionário na zona rural, seria a de caseiro, e sabe-se que o trabalho na zona rural não se desenvolve apenas neste sentido, o que pode tornar a visão dos alunos sobre esses espaços limitada e também romantizada sobre as relações de produção. Desse modo, justificaria o menor salário em relação aos outros dois exemplos dados neste mesmo momento, devido ao fato das atividades pontuadas demandar menor esforço intelectual e serem tidas como “atividades normais do dia a dia”. Em nada associa o trabalho rural à ligação do povo com a terra. Nota-se apenas uma reprodução das relações capitalistas quando tratou de trabalho, dessa forma, o espaço seria apenas o cenário onde a atividade acontece, não atuando de forma além disso.

<p>TRABALHADOR RURAL</p> <p>Salário: R\$ 1.100,00 mensais</p> <p>Município/Estado: Planaltina/DF</p> <p>Descrição: Fazer atividades normais do dia a dia da propriedade como arrumar cerca, tratar de galinhas, cavalos e poucas cabeças de gado e cuidar da horta orgânica.</p>	<p>VENDEDOR</p> <p>Salário: R\$ 2.000,00 mensais</p> <p>Município/Estado: São Paulo/SP</p> <p>Descrição: Prestará atendimento pessoal e telefônico e fará a venda de veículos da frota de locadora de veículos de grande porte. Local de trabalho: Vila Leopoldina - Zona oeste.</p>
<p>MOTORISTA</p> <p>Salário: R\$ 1.687,00 mensais</p> <p>Município/Estado: Caxias do Sul/RS</p> <p>Descrição: Realizará entregas e coletas de produtos diversos aos clientes, recebendo valores, manuseando dinheiro e cartão.</p>	

Figura 1- Primeiro slide do Plano 1. **Fonte:** Nova Escola (2019a)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5332/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade>

Neste plano de aula, nota-se um esforço para romper ou distanciar do pensamento materialista-dialético no ensino de geografia, pois entende-se que:

Ao incorporar os fundamentos do materialismo histórico e dialético, o ensino de Geografia incorporou importantes temas que, até então, não se faziam presentes nas aulas dessa disciplina. Tais temas conduzem os alunos a uma visão crítica da organização espacial da sociedade, à medida que os levam a considerar as relações sociais (de trabalho, política e econômicas), existentes entre as pessoas e entre os lugares como determinações importantes da produção do espaço geográfico. (VIEIRA, 2004, p.32).

O próprio valor que trouxeram para exercer essa função na zona rural é depreciativa em relação aos salários dos demais trabalhadores, como pode ser visto na Figura (1): Trabalhador rural R\$ 1.100, 00, o motorista R\$ 1.687,00 e a do vendedor R\$ 2.000, 00.

Seguindo a análise, a proposta é fazer uma análise comparativa sobre os principais tipos de atividades exercidas no campo e na cidade (Figuras 2, 3 e 4). Neste momento, acredita-se que tem que tomar devido cuidado para não estigmatizar os espaços (rurais e urbanos) pelas atividades realizadas e ao mesmo tempo não confundir as ideias das crianças com as informações trazidas, pois há atividades comuns aos dois espaços, porém, o acesso a elas é dado de formas diferentes.

Para finalizar a análise do Plano de Aula (1), notou-se um esforço para contextualizar, mesmo que de forma breve, as relações campo-cidade, com um texto base de Cláudia Luiz de Souza Bispo e Estevane de Paula Ponte Mendes tratando sobre diferenciações de conceitos e alguns critérios para definição do que é urbano e rural, campo e cidade. Os planos de aula que são comumente encontrados nas plataformas digitais não trazem tal iniciativa, o que pode ser considerado um avanço em se tratando de elaboração de planos de aulas on-line.

O campo e a cidade são espaços bem distintos que demandam formas diferentes de trabalho. Quais são os principais tipos de trabalho realizados no campo e na cidade?

Figura 2- Segundo slide do Plano 1. **Fonte:** Nova Escola (2019a)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5332/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade>.

Agricultura	Professor	Agricultor
Serviços	Comércio	Médico
Vaqueiro	Vendedor	Pecuária
Extrativismo	Operário	Pescador
Pecuarista	Garimpeiro	Indústria
Empacotador	Soldador	Advogado

Figura 3 - Atividade: O que tem a ver. **Fonte:** Nova Escola (2019a)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5332/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade>

Agora organize no quadro as palavras. Na primeira coluna insira as atividades econômicas, na segunda as profissões a ela associadas e marque um X onde ela ocorre.

ATIVIDADE ECONÔMICA	TRABALHO (PROFISSÃO)	ÁREA DE OCORRÊNCIA	
		CAMPO	CIDADE

Figura 4 - Orientação para montar o quadro da atividade propositiva.

Fonte: Nova Escola (2019a)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5332/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade>

3.4. Plano de Aula 2: As diferentes formas de trabalho no campo

O Plano de Aula (2) dessa sequência didática tem os mesmos autores, especialistas e segue a mesma habilidade da BNCC “Comparar as características do trabalho no campo e na cidade” (Tabela 2), mudando apenas o objeto de aprendizagem, que seria “Identificar no campo e na cidade os diferentes tipos de trabalho” como pode ser visto abaixo.

Acredita-se que o objetivo de estudar o objeto “Identificar as características do trabalho no campo” esteja em compreender quais são os trabalhos mais comumente realizados neste espaço em específico e como o espaço pode determinar as especificidades do trabalho rural.

Logo no primeiro slide, quando vão comparar os diferentes tipos de trabalhos existentes no campo, os autores pecam no modo em que decidem colocar as figuras para serem analisadas e comparadas pelos alunos quanto às cores para representação de cada espaço.

Tabela 2: SEGUNDO PLANO DE AULA- As diferentes formas de trabalho no campo.

Objeto(s) de aprendizagem: Identificar as características do trabalho no campo
Habilidade (s) da Base: (EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.

Fonte: Nova Escola (2019b)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>.

A escolha das cores das fotos é algo que carrega em si simbologias que reforçam a estigmatização entre os dois espaços. Para Puls (2016) “[...] as fotos em branco e preto em geral parecem mais dramáticas e mais trágicas do que as fotos coloridas” e segue dizendo que essas fotos “[...] são mais propícias à expressão de juízos éticos sobre a realidade, pois o claro e o escuro estão tradicionalmente associados a conceitos polares: vida e morte, bem e mal, verdade e falsidade”. Ao expor a imagem da agricultura familiar (Figura 5) em

preto e branco, acredita-se na intencionalidade de remeter essa forma de produção como algo pretérito, rústico e pouco desenvolvido.

Sobre as fotografias coloridas, Puls (2016) afirma que “[...] usualmente parecem mais amenas, mais contidas: elas substituem o tom épico das fotografias em preto e branco por um registro mais natural”, portanto, mais condizente com a realidade vivida. Neste ponto, entende-se que optar pela foto colorida (Figura 6) para retratar a produção do agronegócio, tratado na sequência didática por agricultura comercial, associa-se ao moderno, ao avançado, ao que é harmônico, o mais próximo do real.

Depoimento de um trabalhador do campo



Na minha propriedade trabalho eu, minha mulher e os meus filhos. Dedicamos principalmente ao cultivo de milho, feijão e mandioca. Porém, realizamos também a criação de animais como aves, porcos e cabeças de gado. O que produzimos têm pelo menos três destinos, parte é usada para o sustento da nossa família, a outra parte é vendida aqui na feira local ou para os centros de abastecimento da cidade.

Fonte: Trajetória da agricultura brasileira. Embrapa. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/visao/trajetoria-da-agricultura-brasileira>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

Depoimento do Senhor Alfredo, 48 anos, João Pessoa - Paraíba.

Figura 5 - Trabalhador rural familiar. **Fonte:** Nova Escola (2019b) <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>

Depoimento de um trabalhador do campo



Sou empregado de uma grande fazenda produtora de café, meu trabalho está relacionado ao monitoramento das máquinas que fazem o plantio, a adubação e a colheita do café. Tudo o que é produzido é levado para os portos, transportado em navios e vendido para países europeus. Aqui o número de trabalhadores é bem pequeno, pois usamos muita tecnologia.

Fonte: Disponível em: <<https://www.embrapa.br/>>. Acesso em: 4 mar. 2019.

Depoimento do Senhor Frederico, 40 anos, funcionário da Fazenda Buritis no Mato Grosso.

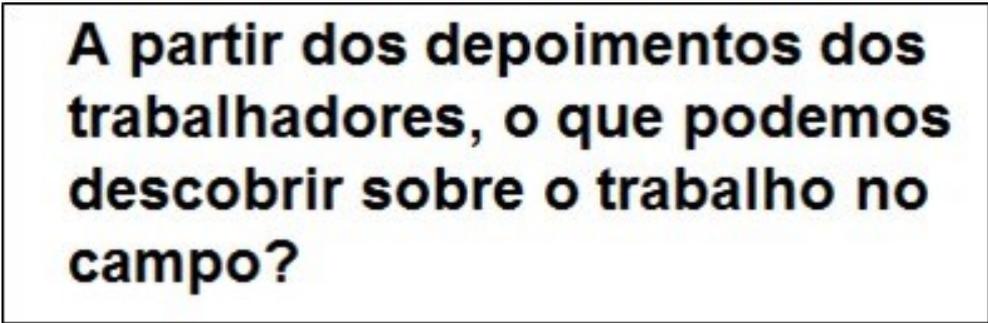
Figura 6 - Trabalhador do agronegócio. **Fonte:** Nova Escola (2019b) <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>.

Os elaboradores do Plano trazem um exemplo relevante sobre o trabalho familiar (Figura 5), onde o senhor que dá seu depoimento diz que é proprietário do sítio onde produz e dali tira o seu próprio sustento, mostrando a interdependência desse modo de produção com a terra. Neste ponto, poderiam abordar as dificuldades que essa modalidade de trabalho sofre para sobreviver dentro do sistema capitalista, mas essas relações são omitidas, enquanto o senhor que dá seu depoimento exalta as benesses deste tipo de agricultura, que trabalha com tecnologias, onde toda a produção é exportada. (Figura 6).

Uma coisa foi percebida neste plano: eles não indicam, de forma direta, que este senhor não é dono das terras onde produz, e sim é um funcionário, intencionalmente ou não, dando a impressão que essa forma de trabalho é melhor e mais vantajosa que a outra para os produtores rurais. Desse modo, faz-se entender que a proletarização do trabalhador rural seria um único caminho para haver “sucesso” e desenvolvimento no meio rural. Até mesmo porque em momento algum trouxeram as relações patronais que existem neste meio rural.

Mais à frente, como pode ser visto na (Figura 7), como proposta de atividade se tem o seguinte questionamento “A partir dos depoimentos dos trabalhadores, o que podemos descobrir sobre o trabalho no campo?”. Caso não seja bem analisado, refletido pelo docente em sala de aula, este plano de aula leva à criação e ao reforço das dualidades existentes nos diversos tipos de produção no campo, aqui representadas apenas pela agricultura familiar e pelo agronegócio.

As Figuras 7, 8 e 9 trazem provocações sobre as diferenciações entre os tipos de trabalhos na zona rural, comparam suas diferenças, porém não abordam suas contradições, fazendo crer também que a relação entre os tipos de trabalhos no campo se correlaciona harmonicamente entre si. Além de não abordar a diversidade existe na agricultura familiar e na agricultura de exportação.



**A partir dos depoimentos dos
trabalhadores, o que podemos
descobrir sobre o trabalho no
campo?**

Figura 7 - Trabalho de dedução. **Fonte:** Nova Escola (2019b)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>.

Compare as diferentes formas de trabalho no campo...

Figura 8 - Comparação entre as atividades; **Fonte:** Nova Escola (2019b)
<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>.

AÇÃO PROPOSITIVA - QUADRO COMPARATIVO TRABALHO NO CAMPO		
	Agricultura Familiar	Agricultura de Exportação
Quem trabalha na terra		
Principais produtos		
Destino da produção		
Instrumentos utilizados		

Figura 9 - Ação propositiva. **Fonte:** Nova Escola (2019b)
<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>.

Neste mesmo Plano de aula (Figura 10), já no fim do conteúdo, surge outra questão a ser pensada e que indica interesses do conhecimento prévio do aluno, ou seja, somente ao final do plano é proposto aos alunos que eles dissessem o que já conheciam de trabalho no meio rural.

Seria interessante o reconhecimento desses saberes antes do início das aulas, para que assim, conforme traz Cavalcanti (2019), considerando o saber prévio do aluno, o professor possa mediar “[...] didaticamente as ferramentas simbólicas centrais que permitem aos alunos a compreensão dos conteúdos escolares, sua internalização e o desenvolvimento da capacidade de pensamento”.



Hora de verificar nossas descobertas...

- O que você já sabia sobre o trabalho no campo?
- O que você aprendeu sobre as formas de trabalho no campo?
- Imagine que você é um trabalhador do campo qual trabalho gostaria de desenvolver? Por quê?

Figura 10 - Atividade proposta. **Fonte:** Nova Escola (2019b)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>.

Cavalcanti (2011) traz que há princípios lógicos para uma construção de conhecimento geográfico nos alunos. Para o ensino ser significativo, precisa ir para além da localização e identificação dos fenômenos, ir além da descrição e da exposição dos fatos, tem que levar em consideração a totalidade e as contradições existentes na sociedade, perceber o espaço para além daquilo que é aparente.

Seguindo este pensamento, Cavalcanti (2011) também trata sobre os princípios operacionais da geografia (operações mentais) que são “observação, descrição, comparação, classificação, imaginação, análise e síntese”. Indica um caminho possível para essa construção que seja a partir da: “[...] localização dos fenômenos, dos seus aspectos mais visíveis, até a apreensão de elementos mais concretos, que desvendam os processos e suas mediações isoladas na observação do espaço, voltando-se à totalidade dos fenômenos” (CAVALCANTI, 2011, p.144).

Ainda para Cavalcanti (2011), o professor como o sujeito mediador do ensino deve compreender a importância dos métodos da ciência sempre associados aos métodos de ensino, pois a realidade escolar demanda que se conceba métodos pedagógicos diferenciados aos métodos puramente científicos, ressignificando o conteúdo para a capacidade de entendimento do aluno e de sua realidade concreta.

Pensando nessa necessidade de mediação entre conceitos científicos e os conceitos cotidianos dos alunos e nas questões próprias sobre a relação de trabalho no campo e na

cidade, que é o objetivo central deste artigo, também se buscou a definição geral de alguns temas necessários, tais como sobre as distinções entre o que é rural e urbano e o que é campo e cidade.

Para finalizar o Plano de Aula (2), ainda na Figura (10), é apresentado o seguinte exercício (Figura 10): “Imagine que você é um trabalhador do campo. Qual trabalho gostaria de desenvolver? Por quê?”. Depois dos fatos que trouxemos aqui sobre como os autores fizeram as comparações sobre o trabalho familiar e o trabalho da agricultura comercial/ do agronegócio, acredito muito que os alunos indicariam querer ser trabalhadores para o agronegócio do que proprietários rurais na agricultura familiar, pois em nenhum momento a questão da propriedade foi ressaltada nos planos de aula, aparecendo somente no depoimento.

Sobre a relação trabalho e educação, concorda-se com Nosella (2004, p. 33) quando este trouxe que:

A educação burguesa, correlacionada a essas novas formas de trabalho, assumiu a tarefa de aprimorar essa mercadoria “especial”, isto é, a “livre força de trabalho humano”, para os mercados de trabalho. É uma educação que se preocupa com a formação da mão de obra no sentido e torná-la mais adequada as novas funções nas fábricas e nos serviços modernos. Ao invés de cultivar as habilidades manuais, reforça o nivelamento cultural, o amor ao trabalho que liberta, amor a disciplina, transmite informações básicas de ciências naturais e mecânicas, difunde uma religião natural, negando os fanatismos, defende o espírito laico e o individualismo civil.

São hipóteses, mas que tendem a se concretizar se os professores não contextualizarem de forma efetiva e crítica os fenômenos do modo que estes realmente os são, expor de forma clara como as relações de trabalhos fazem parte de algo maior, como as sociedades de classes está inserida. O trabalho docente é um importante validador (ou não) de tais conteúdos, por isso essa profissão, segundo Nosella (2004, p.28), torna-se tão controlada e reprimida pelo Estado capitalista.

A razão dessa repressão contra os educadores está no fato de ser o professor um agente político de grande peso, pois sua penetração molecular na população e entre os filhos dos trabalhadores, tanto nas grandes cidades como nas mais distantes vilas, desperta interesses e preocupações políticas.

Neste sentido, Frigotto (2004) alerta que o Estado e aqueles que fomentam uma educação burguesa interioriza e difundem, através das políticas educacionais e dos planos e sequências didáticas, como é o caso do conteúdo aqui analisado, a ideia de que é apenas pelo trabalho árduo, técnico e mecanicista que se pode eliminar as desigualdades existentes na sociedade, ascender socialmente de classe, única e exclusivamente por mérito próprio do indivíduo.

3.5. Plano de aula 3: As diferentes formas de trabalho na cidade

Inferindo que o objetivo de estudar o objeto “Identificar as características do trabalho na cidade” (Tabela 3) estaria em compreender quais são os trabalhos mais comumente realizados nesse espaço e suas especificidades em relação aos exercidos em outros espaços, analisaremos a seguir o terceiro plano de aula.

Tabela 3: TERCEIRO PLANO DE AULA- As diferentes formas de trabalho no campo.

Objeto(s) de aprendizagem: Identificar as características do trabalho na cidade.

Habilidade (s) da Base: (EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.

Fonte: Nova Escola (2019c)

<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>.

Como exemplos de prestação de serviço, as autoras que construíram o plano trouxeram (Figura 11) um dentista, um padeiro e serviços em ambiente de shopping (Figura 12) e o serviço da indústria (Figura 13).

Bem como trouxe Bueno (2007), ao tratar de aspectos sobre a Nova Escola, nota-se que essas Figuras 11, 12 e 13, que tratam sobre os trabalhos urbanos, são bem coloridas, de pessoas exercendo seus trabalhos de forma feliz, o que se torna bem atraente ao público. Não remontam às contradições, retratando harmonicamente apenas alguns setores do trabalho urbano.

Ao fazer menção ao comércio da cidade (Figura 12) por meio de um mercado, utilizam uma ilustração carregada de detalhes importantes de serem analisados. O primeiro é que todos os consumidores presentes são, em absoluto, pessoas brancas, não considerando as diversidades raciais para propor tal imagem. Outra questão relevante é que o mercado em si não é um trabalho, o trabalho no mercado está em exercer a função de atendente, de repositor, de caixa, de serviços de limpeza, nos trabalhos na padaria, no açougue, enfim... inúmeras relações foram silenciadas e vendida apenas o “trabalho no mercado”, sobre o ponto de vista do cliente, daquele que consome o produto já em seu estado final de produção. Desse modo, não deixa claro o que seria relação de trabalho e produção e o que seria relação de consumo.

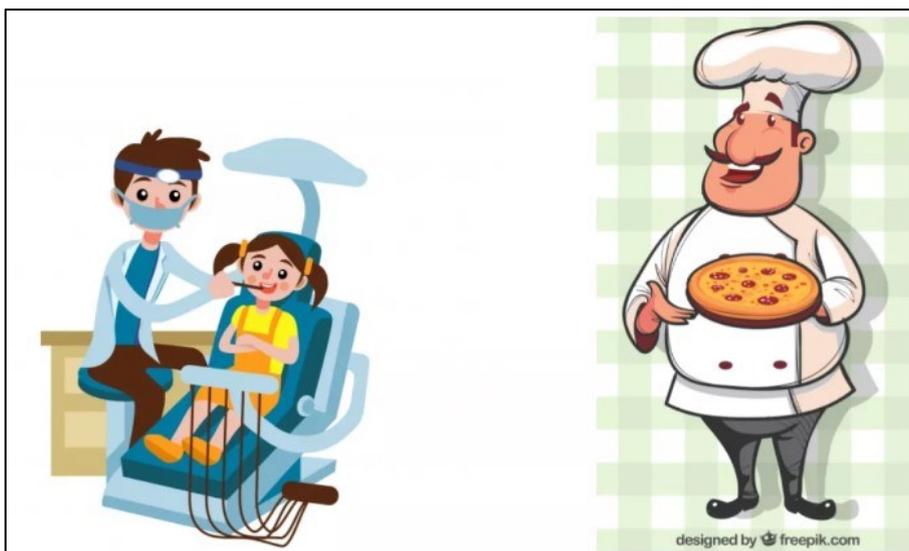


Figura 11 - Prestação de serviço na cidade. **Fonte:** Nova Escola (2019c) <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>.



Figura 12 - O comércio na cidade. **Fonte:** Nova Escola (2019c) <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>.

Outra questão relevante é a associação imediata entre trabalho ao urbano e cidade a indústrias, pois em momento algum trouxe para o espaço rural essa relação industrial, sendo esta vista de forma naturalizada para os espaços urbanos (Figura 13).



Figura 13 - A indústria na cidade. **Fonte:** Nova Escola (2019c) <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>.

É notório que não tratam as contradições da sociedade advindas dos processos fabris, nada sobre o desenvolvimento de trabalho repetitivo, situações de insalubridades, sobre acidentes de trabalho e nem um aspecto que desmistifique toda a imponência dessa forma de serviço.

Sobre as atividades apresentadas neste plano de aula, as mesmas correspondem às Figuras (14, 15 e 16):

Quais são as formas de trabalho realizadas na cidade?

Figura 14 - Atividade sobre o trabalho na cidade.

Fonte: Nova Escola (2019c)

<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>.

As atividades trabalhadas neste plano de aula (Figura 14) levantam o questionamento sobre as formas de trabalho exercidas na cidade. Haja vista os exercícios anteriormente propostos, esses trabalhos estariam resumidos aos dentistas, padeiros, a vendas e à indústria.



Figura 15 - Organização espacial da cidade. Fonte: Nova Escola (2019c)

<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>.

Este seria o momento propício para o docente interferir e questionar sobre aqueles trabalhos que são, em suma, essenciais para manutenção e bem-estar das cidades, como os trabalhos dos garis e que não foram abordados ao referir-se aos trabalhos urbanos bem como aqueles trabalhos realizados de forma autônoma, os quais não foram contemplados pelo plano de aula analisado.

Seguindo a análise, percebeu-se que diferentemente do feito para o espaço rural, para o espaço urbano o plano de aula trouxe uma organização espacial da cidade (Figura 15). Houve uma fuga do tema trabalho, mostrando alguns pontos essenciais que caracterizam a cidade.

De modo geral, o que se pode averiguar é que trouxeram “O trabalho na cidade sobre um tripé; Comércio, prestação de serviço e indústria”, como se essas atividades fossem basicamente urbanas e realizadas apenas por pessoas que moram na cidade.

Ao trazer essas características, esperava-se que as atividades propostas que partiria da análise da organização espacial fossem associadas às relações de trabalho, por exemplo: Quais trabalhos são exercidos no centro comercial? Quais trabalhos são exercidos na escola? O que abriria margem para reconhecimento da profissão docente no momento da aula. Quais são os trabalhos realizados para manutenção dos parques? E assim em diante.

Como é possível averiguar, a atividade pedida (Figura 16) foi a realização de uma observação do mapa mental presente na Figura 15 para então realizar a colagem dos lugares que faltavam na figura. Confundiu-se os lugares com os trabalhos, desse modo, os lugares não eram onde o trabalho era realizado e de forma diversa, mas sim a própria representação de trabalho. Outro destaque é que a orientação desta atividade reduz a cartografia à localização dos elementos, e não há foco na análise do fenômeno representado, não indicando a possibilidade de trabalhar alfabetização cartográfica por meio da visão vertical onde os objetos estão representados.

Se não for bem explicado pelo professor em sala de aula, podem acontecer equívocos e reafirmações de pré-conceitos na relação campo-cidade, tanto se tratando de cidade, quando a relaciona diretamente à indústria, indicando que uma determina a outra, levando o aluno a entender de forma equivocada que na zona rural a industrialização não chegou, além de não mostrar o quanto o campo é complexo, entre outras questões, como: Toda cidade tem indústrias? No campo não tem prestação de serviços e comércio?

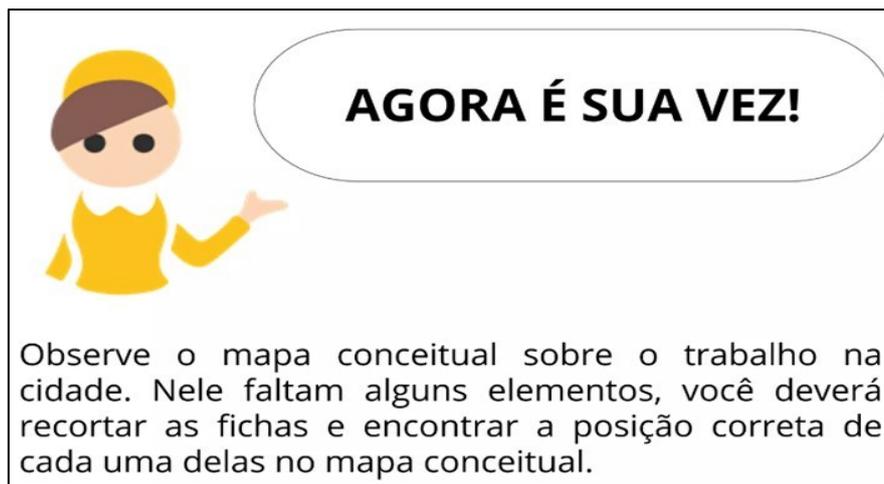


Figura 16 - Atividade proposta. Fonte: Nova Escola (2019c)

<https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>.

3.6. Plano de Aula 4: O trabalho na prestação de serviços: Setor público e privado

No Plano de Aula 4, que tratou sobre o trabalho na prestação de serviço, volta-se à estrutura mais comum aos planos anteriores, mudando apenas o objeto de aprendizagem, que seria “Caracterizar o trabalho na prestação de serviços realizado no setor público e privado”.

Tabela 4: QUARTO PLANO DE AULA- Caracterizar o trabalho na prestação de serviços realizado no setor público e privado.

Objeto(s) de aprendizagem: Caracterizar o trabalho na prestação de serviços realizado no setor público e privado.

Habilidade (s) da Base: (EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.

Fonte: Nova Escola (2019d)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5394/o-trabalho-na-prestacao-de-servicos-setor-publico-e-privado>.

Acredita-se que o objetivo de estudar este objeto esteja em estabelecer critérios para compreensão do que é serviço público, o que é serviço privado e como estes serviços estão presentes em ambos os espaços (urbanos e rurais), o que também possibilitaria averiguar como o Estado se faz presente em ambos os espaços a partir dessas considerações.

Como dito anteriormente sobre o esquema, há uma generalização dos temas, como se houvesse apenas comércio, indústria e prestação de serviço nas cidades, e isso segue sendo reafirmado de forma indireta neste plano de aula também, pois o trabalho nos setores públicos e privados foram trazidos apenas sobre o ponto de vista urbano (Figuras 17 e 18), não trazendo situações e exemplos de outras realidades como a realidade rural. Como provocações, poderiam ser levantadas certas questões: 1- Há prestação de serviços

públicos e privados somente na cidade? O que há de público na zona rural? O que há de privado na zona rural?

Poderia buscar a associação entre esses tipos de trabalho à realidade vivida pelos alunos. O professor poderia perguntar sobre acesso à escola (pública ou privada), saúde, se estes alunos fazem uso de serviços de Programa Saúde da Família (PSF/ serviço público), quem paga esses profissionais de saúde (governo), se eles se consultam com médicos particulares (serviço privado), entre outros exemplos de fácil entendimento para os alunos, para compreensão dos conceitos científicos associados aos conceitos cotidianos e saberes prévios dos mesmos.



Figura 17 - Serviço público e privado. **Fonte:** Nova Escola (2019d) <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5394/o-trabalho-na-prestacao-de-servicos-setor-publico-e-privado>.

Ademais, o que faltou tratar durante essa construção foi o questionamento de o porquê os serviços públicos muitas vezes não chegam nos espaços rurais, quando chegam são serviços essenciais de saúde e educação, mas raramente são pensados, de modo efetivo, no lazer dessa população, deixando essa prática para ser encontrada nos espaços urbanos.

Ainda abordando o tema de serviços públicos e privados, após um texto retirado de um jornal, levantam três questões (Figura 19): “Qual problema enfrentado pelos moradores?” (que era a falta de manutenção do arruamento de determinado bairro), “Onde residem os moradores?” (que seriam no Campo Elíseos) e, por fim, a questão mais importante desse exercício “Se vocês fossem moradores desse bairro, para resolver o

problema, onde vocês buscariam a solução? Quem seriam os trabalhadores que possivelmente iriam atender vocês? ”.

Essas perguntas, levantadas anteriormente possibilitam que se pense um problema comum de forma crítica, entendendo que não são problemas que não são passíveis de solução, há a quem recorrer, criando assim uma consciência de como viver e atuar sobre a cidade. No entanto, não problematiza como os moradores do espaço rural poderiam se organizar para reivindicar mais serviços públicos neste espaço.

Situação	Descrição	Setor Público	Setor Privado
1	Antônio está atendendo ao chamado de um morador solicitando ao corpo de bombeiros o combate a um incêndio em um lote vago próximo a sua casa.		
2	Glória é funcionária de uma empresa internacional responsável pela pesquisa para descobrir vacina contra a dengue.		
3	Jorge é professor da Escola Municipal Esperança. Ele foi premiado após realizar com sua turma nas aulas de Ciências o Projeto de reciclagem “Menos um Lixo”.		
4	Catarina é médica de um hospital particular e a cada 15 dias trabalha em plantões noturnos aos sábados e domingos.		
5	Carlos é advogado da prefeitura do município de Nova Era, ele é responsável por cuidar das parcerias entre a prefeitura e a empresa fornecedora asfalto.		

Figura 18 - Ação propositiva. **Fonte:** Nova Escola (2019d)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5394/o-trabalho-na-prestacao-de-servicos-setor-publico-e-privado>.

MANAUS
BURACOS

Moradores do Campos Elíseos denunciam estado crítico de ruas do conjunto

Segundo eles, as vias não recebem obras há mais de dois anos e os buracos estão cada vez maiores. “A gente cai nos buracos e danifica os carros”, disse morador.

07/02/2019

Vocês acabaram de ler um texto retirado de um jornal. Converse com os colegas do grupo e responda:

- Qual era o problema enfrentado pelos moradores?
- Onde residem os moradores?
- Se vocês fossem moradores desse bairro, para resolver o problema onde vocês buscariam a solução? Quem seriam os trabalhadores que possivelmente iriam atender vocês?

Figura 19 - Exercício proposto. **Fonte:** Nova Escola (2019d)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5394/o-trabalho-na-prestacao-de-servicos-setor-publico-e-privado>.

3.7. Plano de aula 5: O trabalho nas feiras livres: O comércio no campo e na cidade

O quinto e último plano de aula dessa sequência didática trata as feiras livres como espaço de trabalho, tanto nas cidades quanto no campo. Tem como objeto de aprendizagem “Reconhecer as feiras livres como um local de trabalho no campo e na cidade”. O objetivo de estudar este objeto está na necessidade de levantar as correlações existentes entre trabalho urbano e rural, tendo como ponto comum as feiras.

Tabela 5: QUINTO PLANO DE AULA - Caracterizar o trabalho na prestação de serviços realizado no setor público e privado.

Objeto(s) de aprendizagem: Reconhecer as feiras livres como um local de trabalho no campo e na cidade.

Habilidade (s) da Base: (EF04GE07) Comparar as características do trabalho no campo e na cidade.

Fonte: Nova Escola (2019e)

<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5823/o-trabalho-nas-feiras-livres-o-comercio-no-campo-e-na-cidade>

Neste objeto de aprendizagem identificamos um equívoco: o modo no qual os autores abordam as feiras livres como local, quando na verdade as mesmas são um evento comercial, social e cultural que resulta do trabalho rural e se materializa no urbano.

São apresentados dois exemplos de feiras, a primeira de alimentos (Figura 20) e a segunda de produtos artesanais (Figura 21), associando a inter-relação entre os trabalhos do campo e da cidade, como se todos os feirantes produzissem os alimentos vendidos neste momento.



Figura 20 – Feiras livres (Alimentos). **Fonte:** Nova Escola (2016e)
<https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5823/o-trabalho-nas-feiras-livres-o-comercio-no-campo-e-na-cidade>

A realidade hoje é mais diversa, nem sempre quem vende nas feiras produzem esses alimentos, muitos compram legumes, hortaliças e derivados em Centros Estaduais de Abastecimento (Ceasa) para revender, nem sempre mantendo relações diretas com a terra. Nesse sentido, as Ceasas são importantes pontos de concentração e dispersão à nível estadual e nacional desse tipo de produção.

Entende-se que é relevante trabalhar a relação das feiras para compreensão da relação campo-cidade, porém, deve ser trabalhada de forma consciente para não haver romantização dessa atividade.



Figuras 21 - Feiras livres (Acessórios). **Fonte:** Nova Escola (2019e). <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5823/o-trabalho-nas-feiras-livres-o-comercio-no-campo-e-na-cidade>

Na sequência, ainda sobre as feiras (Figuras 22, 23 e 24), as autoras trouxeram atividades que remetem essa prática a questões de trabalho à nível municipal, sendo relevante pois as aproximam da realidade vivida pelos alunos.

Como acontece o trabalho dos feirantes em seu município?

Figura 22 - Feira no município. **Fonte:** Nova Escola (2019e). <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5823/o-trabalho-nas-feiras-livres-o-comercio-no-campo-e-na-cidade>

Na Figura 24, que é uma atividade para realizar caracterização do trabalho dos feirantes, as questões “Onde?”, “Quando?” e “Como?”, se forem feitas de modo a aprofundar essas relações, podem trazer à tona questões próprias do raciocínio espacial e

da divisão territorial do trabalho. Mas para que ele se efetive, retomando a ideia já citada anteriormente, tem de se considerar os conhecimentos prévios dos alunos, perguntando: “Você já foi a uma feira livre?”, “Você conhece feiras livres?”, “O que acontece nas feiras livres?”, para depois disso estimular se já viram ou não feiras livres no campo, ou seja, só então chegar nessas questões mais específicas da dinâmica.

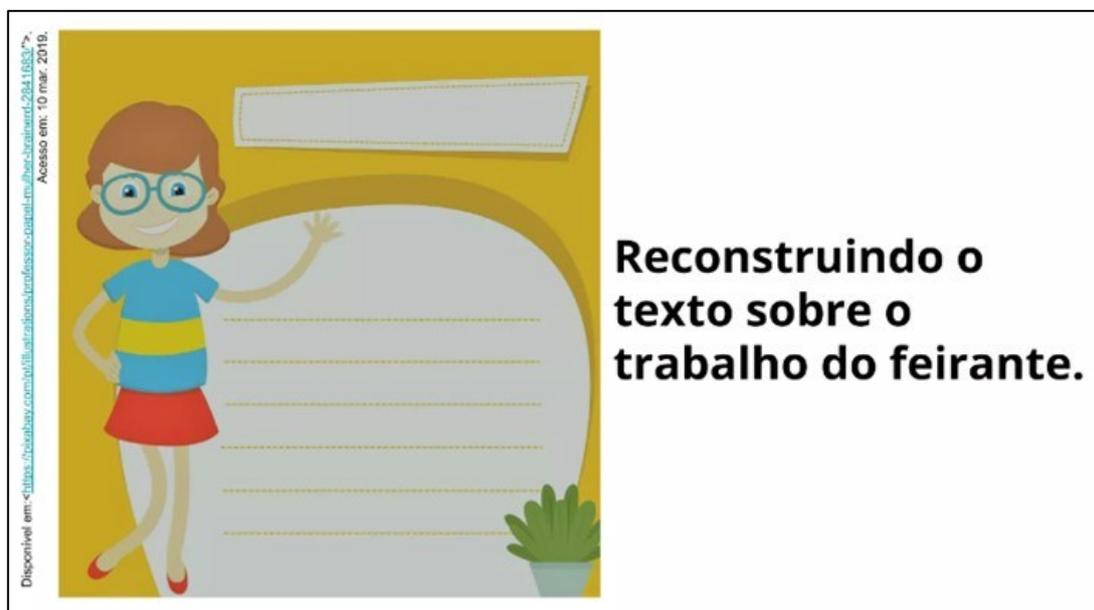


Figura 23 – Atividade. **Fonte:** Nova Escola (2019e). <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5823/o-trabalho-nas-feiras-livres-o-comercio-no-campo-e-na-cidade>

Vamos caracterizar o trabalho do feirante respondendo as questões.

- **Onde?**
- **Quando?**
- **Como?**

Figura 24 - Atividade. **Fonte:** Nova Escola (2019e) <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5823/o-trabalho-nas-feiras-livres-o-comercio-no-campo-e-na-cidade>

A partir desse plano, ainda sobre as relações de trabalho no rural e no urbano e partindo das feiras, cabe realizar os seguintes questionamentos: Por que as feiras, se existe essa correlação entre rural e urbano, acontecem somente no urbano? Os feirantes são moradores da cidade ou do campo? Por que trazer duas feiras tão diferentes? Como que isso ajuda na construção do conhecimento por parte dos alunos?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos objetivos propostos para desenvolvimento deste artigo, concluiu-se que as relações construídas por essa sequência didática para os alunos do quarto ano do Ensino Fundamental I sobre o trabalho e respectivamente sobre as relações campo-cidade reforçam estereótipos de ambos os espaços. Naturalizam situações que poderiam ser apresentadas para os alunos de forma crítica e ressignificada para a idade e nível de compreensão.

O que ficou claro durante a análise dessa sequência didática é que não houve a intenção de ir para além da localização, descrição e da comparação dos conteúdos expostos e não se buscou avançar para uma reflexão crítica dos modos de trabalho existentes no campo e na cidade. Os conteúdos não foram propostos de forma contextualizada ou que fomentasse um desenvolvimento que culminasse em uma construção de conhecimento significativa para os alunos.

Outra questão percebida é que trataram sobre o tema trabalho, mas não levaram em conta as questões próprias de meios e modos de produção, relações patrão-empregado e as relações de classes. Acredita-se que isso demandaria uma crítica e uma reflexão que a BNCC claramente não propõe.

Foi possível perceber também que o modo em que o tema trabalho foi conduzido nessa sequência didática não priorizou o trabalho enquanto produtor de cultura, como elemento fundamental para a manutenção social, além de que em momento algum foi tratado sua historização. Frigotto (2004 p. 17) trouxe que as relações de trabalho e de produção são “práticas fundamentais que definem o modo humano-social de existência e se constituem na fonte primordial do conhecimento e da formação da consciência”.

A compreensão científica de que a relação produtiva é sempre relação humana e política subverte, portanto, toda a explicação tecnicista, mecânica, funcional da relação de trabalho. Trata-se sempre de uma relação complexa, política, que exige em contrapartida uma estratégia de libertação por parte da classe trabalhadora, complexa criadora, informada pela perspectiva do todo social e da superação do conceito burguês de trabalho. (NOSELLA, 2004 p.36)

Além do que já foi tratado até aqui, notou-se uma romantização dos trabalhos, sobretudo daqueles onde o sistema capitalista garante maiores lucros para si, como é o caso do agronegócio e o trabalho fabril. Nosella (2004) afirma que educar para o trabalho é repressivo e violento. Essa violência, segundo Nosella (2004 p.15), chega hoje em dia de forma mais ardilosa e sutil, pois a “concepção da relação trabalho e educação [...] aparece

como direito dentro de uma igualdade abstrata”, com discursos já naturalizados de educar as classes populares única e exclusivamente para o trabalho, para o mercado.

Ao considerar essa vertente e ao se apropriarem do trabalho do professor para isso, já que são estes profissionais que atuam na linha de frente com os filhos dos trabalhadores, os professores se tornam alvo das ideologias e preocupações das políticas dominantes. Para criar resistência a esse processo, o ideal é que o professor faça seu próprio planejamento de aula, pois somente ele conhece sua turma, sabe quais são as necessidades e a realidade da turma que ele busca mediar os conhecimentos. Para isso, considera-se que a formação crítica dos docentes e a utilização de uma Geografia escolar também reflexiva é essencial para essa construção didática própria.

Por fim, concorda-se com Frigotto (2004 p. 18) quando este afirma que é de suma importância o acesso da classe trabalhadora ao “saber elaborado e historicamente acumulado”, embora reconheça que este saber, na maioria das vezes, “assume a marca dos interesses dominantes; ou seja, não se trata de um saber neutro”. Desse modo, é necessário, como afirma Arruda (2004 p.81), a constante “[...] luta pela legitimidade de tipos diferentes de saber, de educação, de educadores, de espaços”.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. M. *et al.* **Manifesto Crítica às reformas neoliberais na Educação: prólogo do Ensino de Geografia.** Marília: Ed. Lutas Anticapital, 2021. 169p.

ALVES, F. D.; VALE, A. R. A relação campo- cidade e suas leituras no espaço. **ACTA Geográfica**, Boa Vista, n. esp. Geografia Agrária, p. 33-41, 2013.

ARRUDA, M. A articulação trabalho-educação visando uma democracia integral. In: GOMEZ, C. M. *et al.* **Trabalho e conhecimento: Dilemas na educação do trabalhador.** São Paulo, Cortez, 2004.

BIAZZO, P. P. Campo e Rural, Cidade e Urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em Geografia Agrária. In: MARAFON, G. J.; PESSÔA, V. L. S. (Org.) **Interações Geográficas: a conexão interinstitucional de grupos de pesquisa.** Uberlândia: Roma Editora, 2007.

BIAZZO, P. P. Campo E Rural, Cidade E Urbano: Distinções Necessárias Para Uma Perspectiva Crítica Em Geografia Agrária. In: ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA. 4., 2008. São Paulo. Anais... São Paulo: ENGRUP, 2008. p. 132-150.

BUENO, S. F. Semicultura e educação: uma análise crítica da Revista Nova Escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, p. 26-27, 2007.

CAVALCANTI, L. S. **O desenvolvimento do pensamento geográfico: Orientação metodológica para o ensino.** São Paulo: Contexto, 2011.

FRIGOTTO, G. Trabalho, conhecimento, consciência e a educação do trabalhador; Impasses teóricos e práticos. In: GOMEZ, C. M. et.al. **Trabalho e conhecimento: Dilemas na educação do trabalhador.** São Paulo, Cortez, 2004.

GRAZIANO DA SILVA, J. O Novo Rural Brasileiro. MITIDIERO JÚNIOR, M. A. *et al.* **Manifesto: Críticas as reformas neliberais na educação-prólogo no ensino de Geografia.** Marília: Lutas Anticapitais, 2021.

NOSELLA, P. Trabalho e educação. In: GOMEZ, C. M. *et al.* **Trabalho e conhecimento: Dilemas na educação do trabalhador.** São Paulo, Cortez, 2004.

NOVA ESCOLA. **Plano de aula:** As diferentes formas de trabalho no campo. 2019b. Sequência Didática 2. Disponível em: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5384/as-diferentes-formas-de-trabalho-no-campo>. Acesso em: 10 set. 2020.

NOVA ESCOLA. **Plano de Aula:** O trabalho e a prestação de serviços: setor público e privado. Sequência Didática 4-. 2019d. Disponível em: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5394/o-trabalho-na-prestacao-de-servicos-setor-publico-e-privado>. Acesso em: 10 set. 2020.

NOVA ESCOLA. **Sequencia Didática 5.** Plano de Aula: O trabalho nas feiras livres o comércio no campo e na cidade. 2019e. Disponível: <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5823/o-trabalho-nas-feiras-livres-o-comercio-no-campo-e-na-cidade>. Acesso em: 10 set. 2020.

NOVA ESCOLA. **Sequência Didática 1.** Plano de aula: O trabalho no campo e na cidade. 2019a. Disponível em:- <https://novaescola.org.br/plano-de-aula/5332/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade>. Acesso em: 10 set. 2020.

NOVA ESCOLA. **Plano de Aula:** O trabalho no campo e na cidade. 2019c. Sequência Didática 3. Disponível em: <https://novaescola.org.br/planos-de-aula/fundamental/4ano/geografia/o-trabalho-no-campo-e-na-cidade/5332>. Acesso em: 10 set. 2020.

OPOLSKI, C. A.; LEME, R. C. B. O método materialista histórico dialético e a relação com a diretriz curricular orientadora de Geografia do Paraná. *Geografia, Ensino & Pesquisa*, v. 20, n. 2, p. 103-111, 2016.

PULS, M. Cor ou preto e branco; Razões da escolha. **Revista de fotografia Zum.** Disponível em: <<https://revistazum.com.br/radar/cor-ou-pb/>> 2016. Acesso em: 08 jan. 2021.

REVAH, D. A Escola e a Nova Escola: Faces de um velho sonho. **Hist. Educ. (Online)**, Porto Alegre, v. 17 n. 39, p. 79-99, 2013.

ROSA, C. C. Geografia Escolar e as recontextualizações dos conteúdos geográficos. **IX Fórum Nacional NEPEG de formação de professores de Geografia.** p. 382-390, Caldas Novas, GO, 2018.

RUA, J. A resignificação do rural e as relações cidade- campo: uma contribuição geográfica. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 2, p. 45-65, 2005.

SILVA, G. S.; TAVARES, M. C. T.; MACHADO, M. R. I. M. A compreensão dos professores do ensino fundamental sobre os conceitos de Rural e Urbano 31 **Revista Rural & Urbano**, Recife, v. 01, n. 01, p. 26-32, 2016.

SPÓSITO, M. E. B. **A produção do espaço urbano**: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. São Paulo: Contexto, 2011.

VEIGA, J. E. Destinos da ruralidade no processo de globalização. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 51-67, 2004.

VIEIRA, O. Conhecimento Geográfico Veiculado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia e o Espaço Agrário Brasileiro: Reflexões para uma Geografia Crítica em Sala de Aula. **Revista Nera**, v. 7, n. 4, p. 29-41, 2004.

Recebido: 01.08.2023

Aceito: 04.09.2023